

Lula, o retirante que se tornou um líder

ANGÉLICA TORRES LIMA

O Palácio do Planalto, à época da greve dos metalúrgicos do ABC em 1979, não via em Luiz Inácio Lula da Silva mais do que uma “invenção da imprensa”. Mesmo que esta mesma imprensa ainda hoje o compare à figura de um herói de novela das oito, ao longo de uma década, entretanto, esse pernambucano de Garanhuns veio provando passo a passo que liderança não se inventa e que seu carisma emerge de uma força bem maior do que a meramente fabricada pela mídia.

“Esso, isso, isso, o Lula é um sucesso”, bradava o coro das mulheres na caminhada em São Bernardo, enquanto o líder sindical se achava preso em São Paulo no prédio do Deops. Hoje, quarentão, com uma respeitável barriga, a voz cada vez mais rouca pelo esforço em assembléias e comícios e agravada pela língua presa, além da já antológica barba que ainda evoca a revolucionária figura de Fidel, Lula definitivamente não tem perfil da plástica ideal endereçada aos anos 90. Mas se revela uma grande paixão que une a esquerda ideológica sem distinção de sexos nem idades.

Filho de um lavrador nordestino, Lula mais parece um um misto de personagem de Graciliano Ramos com os da poesia de Chico Buarque. Desceu aos seis anos com os pais e irmãos para o Porto de Santos, onde a família, ao ser desdobrada em duas, cresceu para o número de 18 filhos. Dos sete filhos de sua mãe, Lula tem duas irmãs que trabalham como domésticas; um é marceneiro, dois são operários e ainda outro se tornou funcionário público.

Foi operário com 14 anos. Já adulto fez um curso Supletivo e conseguiu tirar seu diploma ginasial. Apesar de ter hoje uma biblioteca com livros que vão de **O Capital**, de Karl Marx, a vários sobre economia e política, Lula não é lá muito chegado a leituras. O então ministro do Trabalho, Murillo Macedo, recomendava-lhe especialmente livros sobre sindicalismo americano, mas lamentava seu **d e s i n t e r e s s e** por qualquer tipo de leitura.

No entanto, não foi a sua falta de pendor para a ala dos intelectuais que o impediu de aos 25 anos despontar em meio à classe trabalhadora como um autêntico líder. Dezesseis anos após ele se elegeria o deputado Federal mais votado em São Paulo, e seu partido, o PT, cresceria e se consolidaria como um dos mais fortes e expressivos na história das legendas brasileiras. Hoje o PT tem pelo menos 13 correntes internas, mas tem como majoritária a “Articulação”, de Lula, que agrupa nomes como Plínio Arruda Sampaio, Francisco Weffort, Mari- lena Chauí, Hélio Bicudo, Paulo Freyre e Eduardo Suplicy, entre outros de reputação.

Ao contrário de outros políticos, o candidato do PT se lançou na carreira sem cumprir as etapas necessárias. Fez o percurso inverso ao disputar a prefeitura de São Paulo em 1985 depois de ter concorrido ao governo do Estado em 1982. Isso, simplesmente, porque emergia no cenário como um líder de massas, treinado em movimentos grevistas num momento em que as greves eram altamente reprimidas.

Lula fez também boas articulações com lideranças sindicais européias, especialmente na Itália e Alemanha. No começo dos anos 80 sua projeção no exterior era tão expressiva que o trabalhador médio europeu, ao se interessar por informações sobre personalidades brasileiras, só perguntava por dois nomes. Um era Pelé. O outro, Lula.